

Sarney: é guerra de vida ou morte

BRASÍLIA AGÊNCIA ESTADO

Iniciamos hoje uma guerra de vida ou morte contra a inflação — advertiu, ontem, o presidente José Sarney, em cadeia nacional de rádio e televisão, ao anunciar a decisão "grave e difícil" de adotar as medidas tidas como fundamentais para sanear a economia.

Durante 20 minutos, com o semblante carregado, o presidente procurou transmitir a confiança no êxito das mudanças econômicas; mostrou que o governo não tinha alternativa para reduzir a inflação; pediu a cooperação dos brasileiros para der-

ruar "os muros da fortaleza inflacionária", e anunciou punições, como o fechamento do estabelecimento e a prisão de seu responsável, para todo aquele que "praticar a indústria da remarcação". Pediu, ainda, que todos os ministros e congressistas fortaleçam o governo com apoio e determinação, concluindo seu discurso com uma profissão de fé: "E Deus, que não tem me faltado, ajude-me nesta hora".

Outra preocupação do presidente foi a de garantir que o crescimento econômico não será prejudicado. Terve, também, a precaução de assegurar que, apesar de inesperadas, as medidas foram exaustivamente es-

tudadas e adotadas sem precipitação. "Medimos conseqüências, avaliámos riscos e pesamos os resultados. Minha consciência é meu dever para com o País não me fizeram hesitar", frisou.

Na avaliação do presidente, as principais determinações do decreto de 44 artigos são dez: criação da nova moeda, o cruzado; extinção do cruzeiro, com paridade inicial de um cruzado para mil cruzeiros; conversão automática, em cruzados, de notas e depósitos à vista no sistema bancário; extinção da correção monetária generalizada; escala móvel de salário; congelamento total de preços, tarifas e serviços; criação de

um mercado interbancário; seguro-desemprego; garantia de rendimento dos depósitos da caderneta de poupança e fortalecimento da nossa moeda em face de outras moedas.

E, sob o argumento de que "a nossa economia tem peculiaridades e condições próprias, que exigem soluções próprias", destacou que as mudanças não copiam nenhum programa instituído por qualquer outro país, na intenção de afastar comparações com o Plano Austral, que agravou a recessão econômica na Argentina. Distante de seus discursos anteriores, quando insistia que os reajustes acima do INPC preservavam os salários, Sarney reconheceu

que, a continuarem os atuais índices inflacionários, em poucos meses, e "até em poucos dias", os aumentos reais de salário seriam anulados, "tornar-se-iam letras mortas". Ele defendeu o congelamento de preços como "a transição para a estabilidade", sem prejuízo ao crescimento econômico: "Vamos continuar crescendo, agora livres do ilusionismo inflacionário", prometeu.

O presidente citou seu próprio exemplo — "o caminho que escolhi não é o caminho dos fracos" — ao assegurar que o governo não poupará empenho e energia para fazer cumprir os seus propósitos. Mas tem como definitivo que, a exemplo da

trajetória que levou o País à democracia e ao crescimento econômico, "será a coragem do povo que vai derrotar a inflação". "E essa coragem do povo será e é a minha coragem", garantiu. Dirigindo-se à Nação, Sarney convocou: "Você, brasileiro ou brasileira, está investido pelo presidente para ser um fiscal dos preços em qualquer lugar do Brasil". E reiterou a firme disposição de punir os que ignorarem o congelamento dos preços, com o fechamento do estabelecimento e prisão dos responsáveis.

Por fim, acionou o ministro Dilson Funaro, da Fazenda, para apresentar o programa "que será de mudanças e destinado à estabilidade e crescimento".

"Isto é uma convocação"

Íntegra do discurso do presidente José Sarney em reunião, ontem, como Ministério, no Palácio do Planalto:

Brasileiras e brasileiros, esta é uma convocação para que juntos, governo e povo, tomem uma decisão grave e difícil. Ela marcará a sorte de nossa sociedade nos próximos anos.

Tenho meditando há tempos sobre sua oportunidade. Medimos conseqüências, avaliámos riscos e pesámos resultados. Minha consciência e meu dever para com o País não me fizeram hesitar.

A política tem um compromisso com a coragem, e os homens de Estado não podem fugir à força do destino, na hora das definições maiores. Determinei mudanças fundamentais na economia.

Chegamos à exaustão nos caminhos paliativos, nos tratamentos tópicos. E não foi para isso que os inexplicáveis caminhos do destino me fizeram presidente da República.

Meu compromisso é com o Brasil, com a história, e assim eu devo agir. Este compromisso não colida com meus deveres éticos para com os partidos da Aliança Democrática, uma vez que nossos objetivos são comuns.

Brasileiros, as principais decisões adotadas são:

- criação de uma nova moeda, o cruzado;

- extinção do cruzeiro, com paridade

inicial de um cruzado por mil cruzeiros;

- conversão automática, em cruzados, de notas, moedas e depósitos à vista no sistema bancário;

- extinção da correção monetária generalizada;

- escala móvel de salários;

- congelamento total de preços, tarifas e serviços;

- criação de um mercado interbancário;

- seguro-desemprego, antiga e justa aspiração da classe trabalhadora.

- garantia de rendimento dos depósitos da caderneta de poupança; e

- fortalecimento da nossa moeda em face de outras moedas.

As medidas não são cópia de nenhum programa instituído por qualquer outro país. A nossa economia tem peculiaridades e condições próprias, que exigem soluções próprias.

Minha decisão não foi tomada, assim, em nenhuma hora de precipitação. Ela é assumida num momento de confiança no meu país. O Brasil cresce, o desemprego cai, as finanças públicas estão saudáveis.

Mas essa medida se impõe justamente para evitar que essa solução corra risco.

Afirmar em discurso à Nação:

"Combater a inflação é ponto de honra do governo. Faremos todos os sacrifícios, e acentuar: Tomaremos todas as decisões para que ela não fuja aos nossos controles.

"O exemplo de outros povos revela aonde chegam as nações, quando os governantes vacilam nesse

combate. A inflação tem sido o pior inimigo da sociedade. Ela não confisca apenas o salário: confisca o pão."

Este portanto é um programa de defesa do poder de compra dos assalariados. A inflação, a continuarem os índices atuais, em poucos meses, e até mesmo em poucos dias, tornaria letra morta os reajustes e os aumentos reais de salários que o trabalhador obteve com suor e com tanto risco.

A estabilização dos preços que o governo vigiará com energia vai acabar com este pesadelo. Para demonstrar que o propósito é, antes de tudo, a proteção dos salários, decidi conceder um abono geral, para devolver ao assalariado o que foi corroido pela alta de preços. Cuidei de estabelecer também o reajuste automático dos salários na nova moeda.

Criamos, pois, o salário móvel, na certeza de que haverá estabilidade monetária, mas que, à menor distorção do sistema, o primeiro a ser defendido será o trabalhador brasileiro. Sua poupança continua protegida pelo seguro contra a inflação. Os aluguéis e prestação do BNH, convertidos na nova moeda, permanecerão congelados pelo prazo de um ano.

O programa de estabilização com a nova moeda forte, o cruzado, respeitará as condições estabelecidas nos contratos celebrados em cruzeiros. Sob este aspecto, a reforma acata a vontade privada e é neu-

tra no que diz respeito às relações entre credores e devedores.

O congelamento de preços é a transição para a estabilidade. Se por um lado desejamos cortar a inércia inflacionária, por outro não pretendemos imobilizar o dinamismo do mercado e a pujança da iniciativa privada. Vamos continuar crescendo, agora livres do ilusionismo inflacionário. Estamos certos de que o sistema financeiro, neste novo ambiente de segurança, cumprirá, com eficiência redobrada, suas funções de transferir fundos para a atividade produtiva.

Brasileiras e Brasileiros,

Estamos derrubando os muros da fortaleza inflacionária. Ainda enfrentaremos a força de hábitos há tempos arraigados. Basta lembrar que a inflação e a correção monetária fazem parte da vida e dos hábitos das nossas novas gerações que não conhecem outra economia senão essa. Elas não conhecem uma economia livre dessas distorções.

O caminho que escolhi não é o caminho dos fracos.

Por isso, o governo não poupará empenho e energia para fazer cumprir os seus propósitos. Ms não bastará a nossa firmeza se faltar a coragem do povo. Foi a coragem do povo que nos reintroduziu na democracia. Foi a coragem do povo que restabeleceu o crescimento. Foi a coragem do povo que assegurou a negociação soberana da dívida externa. Será a coragem do povo que vai derrotar a inflação.

E essa coragem do povo será e é a minha coragem.

A Nova República instalou-se entre esperança e angústia. A esperança da liberdade, das mudanças e da democracia, e a angústia da tutela estrangeira sobre a nossa política econômica, da inflação corrosiva e iníqua, do medo à recessão, doavor ao desemprego.

Resgatamos a democracia. Recuperamos a economia. Devolvemos os empregos e promovemos a restauração do poder de compra dos salários. Voltamos a comandar nosso destino de economia dinâmica e autodeterminada. O Brasil passou a ser respeitado. O povo e o governo, juntos, edificaram essa primeira etapa da obra da restauração nacional.

Mas das angústias, sobrou uma, solitária. Solitária mas insidiosa, cruel na sua injustiça, implacável com os mais desprotegidos. A inflação tornou-se o inimigo número um do povo.

Iniciamos hoje uma guerra de vida ou morte contra a inflação. A decisão está tomada. Agora, cumpre executá-la, e vencer. Estou convencido de que este é o caminho. Com angústia assisti ao cruzeiro dos salários sucumbir diante da ORTN dos títulos, das prestações do BNH, dos aluguéis, e das dívidas.

Mas o sucesso deste programa não reside num decreto. Preparei com muito trabalho o caminho para que esta medida pudesse ser tomada. Desde o início do governo acom-

panhamos cuidadosamente a evolução da economia e estabelecemos algumas alternativas. Tudo foi estudado criteriosamente e com seriedade.

Mas este programa tem que ser um programa do povo brasileiro. Todos estaremos mobilizados nesta luta. Cada brasileira ou brasileiro será um fiscal dos preços. E aí posso me dirigir a você, brasileiro ou brasileira: você está investido pelo presidente para ser um fiscal dos preços em qualquer lugar do mundo. Ninguém poderá, a partir de hoje, praticar a indústria da remarcação. O estabelecimento que o fizer poderá ser fechado, e esta prática ensinará a prisão dos representantes. Conclamo para esta luta os governos estaduais a colaborarem.

Convoco o povo brasileiro para viver este grande momento.

Este programa não é um programa meu. Ele é do Brasil. É pelo Brasil que estamos lutando. A sua vitória será uma vitória de todos.

O excelentíssimo senhor ministro da Fazenda vai dizer os detalhes e as providências a serem tomadas. Ele apresentará o programa que será de mudanças e destinado à estabilidade e crescimento.

Peço a todos os ministros, aos congressistas, para que nos fortaleçam com apoio e com determinação.

E Deus, que não me tem faltado, ajude-me nesta hora.

Muito obrigado".